

1982 foi o ano dos malditos e o melhor filme foi *Tabu*, dirigido pelo polêmico Júlio Bressane

# 1980: sem dinheiro, não tem estrelas

*Nem badalações, nem festas, nem nada. Carlos Mathias queria 'deselitizar'*

Abrir mão de badalações, coquetéis, almoços, jantares e banhos de piscina no Hotel Nacional. Essa foi a fórmula adotada por Carlos Mathias, diretor da Fundação Cultural, para garantir a realização do XIII Festival de Cinema em 1980. "Não posso gastar dinheiro com as tradicionais badalações... e essa era a principal razão pela qual o festival era criticado... o resultado do nosso trabalho está aí: um festival sem festa, eminentemente cultural".

Atores e atrizes não foram convidados. O objetivo de Carlos Mathias era "deselitizar" o Festival, que se realizou de 24 a 28 de novembro, permitindo que todas as pessoas interessadas assistissem aos filmes. Nesse sentido, foram programadas exibições simultâneas das películas em competição no Plano Piloto e nas cidades-satélites (que, no entanto, tiveram diversas sessões canceladas por absoluta falta de público). Na Escola Parque foram programados debates sobre os filmes concorrentes e voltou a ser instituído o prêmio do júri popular. "Nada de holofotes e tapetes vermelhos no Cine Brasília", garantia Mathias.

Concorreram os seguintes longas: **Estrada da Vida**, de Nelson Pereira dos Santos; **Ca-baré Mineiro**, de Carlos Alberto Prates Correia; **Ato de Violência**, de Eduardo Escorel; **Iracema**, de Jorge Bodansky e Orlando Senna, e **O Homem que Virou Suco**, de João Batista de Andrade. Os curtas: **O Sonho Não Acabou**, de Cláudio Kahns; **Produção em Massa**, de Eduardo Clark; **A Trama da Rede**, de José Parente; **Estrelas de Papel**, de Breno Kuperman, e **A Menina e a Casa da Menina**, de Maria Helena Saldanha.

Na categoria de longa-metragem, os prêmios foram assim distribuídos: Melhor filme: **Iracema**, melhor diretor: Eduardo Escorel, Melhor roteiro: Eduardo Escorel e Roberto Machado (**Ato de Violência**); melhor fotografia: Murilo Salles (**Ca-**

**baré Mineiro**); melhor montagem: Jorge Bodansky e Eva Grundnan (**Iracema**); melhor trilha sonora: Tavinho Moura (**Ca-baré Mineiro**); melhor cenografia: Paulo Chada (**Ato de Violência**); melhor ator: José Dumont (**O Homem que Virou Suco**); melhor ator coadjuvante: Renato Consorte (**Ato de Violência**); melhor atriz: Edna de Cássia (**Iracema**); melhor atriz coadjuvante: Conceição Senna (**Iracema**), e melhor técnico de som: Victor Raposeiros (**Ato de Violência**). Entre os curtas, venceu **A Trama da Rede**, que também deu o prêmio de melhor diretor a José Inácio Parente.

O XIV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro foi aberto com a exibição do filme **O Homem do Pau Brasil**, de Joaquim Pedro de Andrade, e conseguiu levar um público razoável ao Cine Brasília. Mas o Festival já começou sendo criticado por mais uma vez não ter selecionado nenhuma produção local. Não se classificaram os filmes **O Homem de Areia**, de Vladimir Carvalho, **Paduana**, de Miguel Freire, e **Álbum**, de Norberto Parente, todos produzidos em Brasília.

Concorreram os seguintes longas: **O Homem do Pau Brasil**, de Joaquim Pedro de Andrade, com Ítala Nandi, Flávio Galvão, Cristina Aché e Rita Cadilac; **Xingu Terra**, de Maureen Bisilatt, documentário sobre um cerimonial dos índios do Xingu; **Asa Branca, Um Sonho Brasileiro**, de Djalma Limonji Batista, com Edson Celulari, Eva Wilma, Geraldo Del Rey, Alberico Souza e Gianfrancesco Guarnieri; **Jânio e 24 quadros** documentário de Luiz Alberto Pereira, e **Engraçadinha**, de Haroldo Marinho Barbosa, com Lucélia Santos, Nina de Pádua e Wilson Grey.

Com toda a crítica à safra de filmes apresentados, vista por alguns como a pior dos últimos anos, nada melhor para acirrar a polêmica do que o fato de que os dois melhores filmes escolhi-

dos pelo júri oficial ficaram exatamente em último lugar pela votação do júri popular. Aí vai o resultado:

Entre os longas, venceu **O Homem do Pau Brasil**, de Joaquim Pedro de Andrade (bastante elogiado pelos críticos). O júri popular preferiu **Jânio a 24 Quadros**, de Luiz Alberto Pereira. Entre os curtas, o júri oficial preferiu **Um Sorriso, Por Favor**, de José de Barros, enquanto o júri popular elegeu **Meow**, de Marcos Magalhães, como o melhor.

Foram distribuídos ainda os seguintes prêmios entre os longas: melhor diretor para Djalma Limonji Batista (**Asa Branca...**); melhor roteiro para Haroldo Marinho Barbosa (**Engraçadinha**); melhor fotografia para Lúcio Kodato (**Xingu Terra**); melhor montagem para Augusto Savá (**Jânio a 24 Quadros**); melhor trilha sonora para Sérgio Guilherme Saraceni (**Engraçadinha**), e melhor cenografia para **O Homem do Pau Brasil**.

O melhor ator foi Edson Celulari pelo trabalho em **Asa Branca...**, que deu também o prêmio de melhor ator coadjuvante a Walmor Chagas. A melhor atriz foi Lucélia Santos (**Engraçadinha**) e Dina Sfat, pelo trabalho em **O Homem do Pau Brasil**, ganhou o prêmio de melhor atriz coadjuvante. Foi ainda atribuído o prêmio de melhor técnico de som a Sidney Paiva Lopes (**Xingu Terra**).

O XV Festival foi marcado pela volta dos "malditos". Na mostra competitiva, Júlio Bressane e Ivan Cardoso tiveram selecionadas as suas mais novas produções. **Tabu** e **O Segredo da Múmia**, respectivamente. Walter Hugo Khouri, por seu lado, denunciava as pornochanchadas como fator de queda do nível do cinema brasileiro, ao que Ivan Cardoso reclamou que os exibidores (os maiores produtores de pornochanchada de então) não utilizavam atores nos filmes, mas simplesmente personagens da "Boca do Lixo",

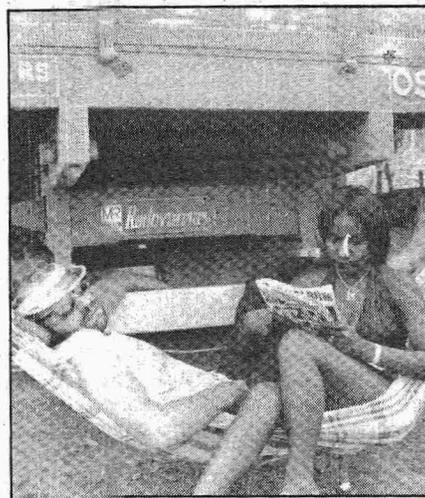
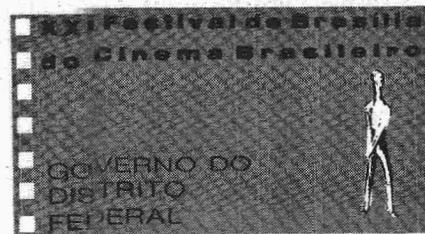
o que prejudicava o mercado de trabalho de atores e técnicos. Daí formou-se o tumulto e não faltaram argumentos em defesa da pornochanchada, a maioria deles defendendo o gênero como forma de liberar os impulsos sexuais da população: "Houve uma sensível diminuição do número de estupros nas grandes cidades", argumentava Sandro Salvati.

Concorreram os seguintes longas no festival de 82: **Amor, Estranho Amor**, de Walter Hugo Khouri; **República Guarani**, de Silvio Back; **Tabu**, de Júlio Bressane; **Aventuras de Um Paraíba**, de Marco Altberg e **O Segredo da Múmia**, de Ivan Cardoso.

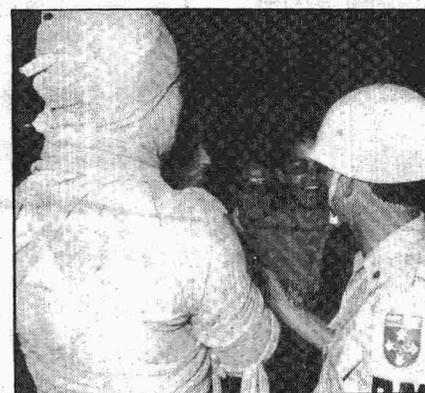
Os prêmios ficaram assim distribuídos: Entre os longas: melhor filme: **Tabu**, de Júlio Bressane; melhor diretor: Ivan Cardoso (**O Segredo da Múmia**); melhor roteiro: Silvio Back e Deonísio da Silva (**República Guarani**); melhor fotografia: Murilo Salles (**Tabu**); melhor montagem: Gilberto Santeiro e Ricardo Miranda (**O Segredo da Múmia**); melhor trilha sonora: Silvio Back (**República Guarani**); melhor cenografia: Oscar Ramos (**O Segredo da Múmia**); melhor ator: Wilson Grey (**O Segredo da Múmia**); melhor atriz: Vera Fischer (**Amor, Estranho Amor**); melhor ator coadjuvante: Paulão (**Aventuras de Um Paraíba**); melhor atriz coadjuvante: Tâmara Taxman (**Aventuras...**) e melhor técnico de som: Guaracy Rodrigues e Duda Gruper (**Tabu**). Entre os curtas, o melhor filme foi **Eh, Pagu, Eh**, de Ivo Branco, e o melhor diretor foi Heitor Capuzzo (**Estranho Sorriso**).

Antes do fim do Festival, os curta-metragistas se reuniram para analisar as dificuldades comuns e buscar soluções novas: "Não estamos chorando, estamos bradando", diria Rogério Sganzerla.

Para ele, a TV era a grande saída: "Se há lei que protege o filme nacional no mercado, porque não haverá legislação protetora para colocá-lo na TV?"



**COISA DO PASSADO** — Nem a contenção de despesas justificou uma ausência na lista de convidados: Orlando Senna, co-diretor de **Iracema**, que todavia esteve em Brasília a convite da livreria Galilei e acabou participando do Festival: "Talvez a Fundação se interesse apenas pelo que eu pensava há 6 anos atrás, quando fiz o filme".



**TERRAIR** — "Pior data que a escolhida para este XV Festival (13 a 18 de dezembro), só mesmo durante o carnaval", reclamava o diretor Ivan Cardoso. Enquanto isso, a múmia do seu filme andava solta pelos corredores do Hotel Nacional, levantando os cabelos dos desavisados.



**BEIJINHO, BEIJINHO** — A grande estrela esperada por todos já não era mais a musa do festival, Leila Diniz, mas sim a modelo Xuxa Meneghel, atriz do filme **Amor, Estranho Amor**, de Walter Hugo Khouri, numa época em que sequer sonhava com a popularidade que ainda teria com os baixinhos.